

O funcionamento operativo de EM na constituição das representações modais

The operative functioning of EM in the constitution of modal representations

Elizabeth Gonçalves Lima Rocha¹
Colégio Técnico de Teresina

Recebido em: junho de 2025.

Aprovado em: agosto de 2025.

Como citar este trabalho:

ROCHA, Elizabeth Gonçalves Lima. O funcionamento operativo de EM na constituição das representações modais. **Traços de Linguagem**, v. 9, n. 2, 10-20, 2025.

RESUMO: Em diálogo com importantes trabalhos linguísticos, neste artigo, propomo-nos, amparados na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), fundada por Antoine Culioli, apresentar a partir da descrição da diversidade de empregos do marcador EM, que ocorre no domínio modal, formular uma hipótese em termos de *propriedade imã* a qual explica por que são essas representações instauradas por tal preposição e não outras quaisquer.

PALAVRAS-CHAVE: Em; Modo; Propriedade Imã.

ABSTRACT: In dialogue with important linguistic works, in this article, we propose, supported by the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE), founded by Antoine Culioli, to present, based on the description of the diversity of uses of the EM marker, which occurs in the modal domain, a hypothesis in terms of the magnet property which explains why these representations are established by such a preposition and not any others.

KEYWORDS: At; Mode; Magnet Property.

Introdução

Pode-se afirmar que a diversidade existente de teorias linguísticas é suficientemente justificada pela complexidade dos fenômenos tratados pelos linguistas. Sendo assim, não se trata de julgar qual das teorias é a mais “correta” a partir de um Absoluto científico cujo critério seria o acesso à Verdade. Ao contrário, a diversidade de vertentes é um sinal de saúde epistemológica². Dada a necessidade de uma diversidade de modelos investigativos, a melhor maneira de encará-la se expressa nos termos de Sarah de Vogüé: trata-se de se beneficiar tanto das diversas aquisições quanto da heterogeneidade mesma das pesquisas levadas a cabo. Nisso, a autora é fiel ao princípio epistemológico de Imre Lakatos, conforme o qual “é por meio do trabalho crítico de

¹ Doutora pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: bethroccha@ufpi.edu.br

² “A epistemologia [...] é um sinal de saúde. É a indicação de que as ciências só se tornam divertidas quando a consideramos como jogos dos quais é preciso encontrar as regras e de que se tornam interessantes apenas quando não mais cremos na Verdade”. (LEBRUN, 2006, p. 144).

confronto entre teorias que os progressos científicos se efetuam” (DE VOGÜÉ, 2011, p. 7). As teorias são, desse ponto de vista, consideradas como “observatórios” que enriquecem a pesquisa coletiva ao tornar visíveis fatos negligenciados ou inesperados que ajudam na compreensão do fenômeno estudado.

Isso posto, o objetivo deste artigo é mostrar o alcance heurístico do referencial teórico-metodológico da TOPE relativamente ao estudo das preposições. A menção a outros aportes – em especial à gramática de usos – é fundamental para atingir nossa finalidade, pois a contribuição da TOPE só se deixa medir em diálogo com outras teorias, sem o qual não se lograria um entendimento mais profundo – conforme pensamos – do fenômeno preposicional.

O vasto programa de desenvolvimento da Teoria das Operações Enunciativas (TOPE) - concebido por Antoine Culioli - define que o objeto da Linguística é a “linguagem apreendida através das diversas línguas”, o programa de pesquisa prevê a determinação do funcionamento operativo dos marcadores de cada língua. Encara-se, dessa forma, o problema fundamental da diversidade das línguas: saber se elas são ou não irreduzíveis, quer dizer, se há invariantes (esquemas, relações, operações) subjacentes às diferenças que as constituem. Nesse trabalho, é de nosso interesse analisar o funcionamento operativo do marcador EM no domínio modal.

Interessa-nos, nesse caso, considerar o marcador nos enunciados assemelhados a *A menina rompeu em lágrimas*. O ponto de vista da TOPE, que guiará nossa análise, é contraposto ao do procedimento funcionalista, por considerarmos redutor, segundo as diretrizes conceituais da TOPE, já que nada faz senão inserir as palavras em classes que pouco revelam do funcionamento das unidades linguísticas. Para a TOPE, mais importante é a análise que tente estabelecer, debruçando-se sobre a variação contextual, as peculiaridades semânticas de determinação do marcador EM e que remetem às operações efetuadas em vista da instauração de representações predicativas no domínio modal.

A preposição sob a perspectiva da Gramática de usos

Conforme dito, neste trabalho, tratamos de analisar os enunciados construídos com o marcador EM e que ocorrem no domínio modal. Para enfrentar a primeira dificuldade que ocorre e diz respeito à compreensão do conceito de modo, pode-se reportar à *Gramática de usos do português* (NEVES, 2011). Como afirma a autora da obra, as preposições estabelecem relações semânticas no sintagma, de tal forma que o termo que introduz adquire função de adjunto de modo – adverbial e adnominal. Ora, os adjuntos de modo se definem como qualificadores de uma ação, um processo ou um estado expresso num verbo ou num adjetivo (adjunto adverbial), ou de um nome (adjunto adnominal), quer dizer, o conceito de modo implica a modificação das propriedades de verbos, adjetivos e nomes. Retemos o espírito da definição, mas não discutimos o problema da classificação, que é imprecisa. De fato, considerando dois exemplos dados por Neves, *Américo, homem muito ocupado, deixara seus afazeres para socorrer a irmã em desespero* (2011, p. 679, *grifos do autor*) e *Levei mais de meia hora para colocar tudo em ordem e começar a escrever* (2011, p. 680, *grifos do autor*), muito embora a autora classifique o primeiro (*em desespero*) como adjunto adnominal e o segundo (*em carne viva*) como predicativo do objeto, da nossa perspectiva, por interessar-nos observar o funcionamento semântico do marcador EM, não é relevante aqui para as análises a consideração do estatuto sintático assumido pelo sintagma preposicional nos dois enunciados. A partir da definição acima colhida da gramática funcionalista, pode-se

afirmar que os enunciados modais, enquanto modificadores de propriedades, remetem ao julgamento de atribuição. Assim, considerando o sintagma preposicionado aquele em que se estabelece uma relação entre um termo determinado (X) e um termo determinante (Y) – segundo o esquema **X Rprep. Y** –, analisamos enunciados nos quais X se localiza em zonas modais (Y) de natureza qualitativa (ocasionalmente quantitativa, também). Abordamos enunciados que se agenciam com FICAR EM que respondem à pergunta *Como?*. Tal como *onde* e *quando*, *como* é também traço da operação de *percurso*, a qual consiste em “percorrer todos os valores ou operações possíveis em um dos lugares duma relação com *n* lugares, sem que se queira ou se possa distinguir algum [desses valores e operações]” (CULIOLI, 1999b, p. 119). É dessa forma que se caracterizam os enunciados interrogativos, através dos quais se delimita, por abstração, o conjunto dos possíveis que satisfazem a demanda da interrogação. No cenário da pergunta *Como?*, certos enunciados podem ser dados como resposta, e que se agenciam, por exemplo, na forma *O aluno ficou em ()*, selecionando-se um elemento no percurso do domínio virtual apto a preencher o espaço vazio da determinação modal. Desses enunciados possíveis, selecionamos alguns para análise, e muito embora privilegiemos o sintagma FICAR EM, outros exemplos de ocorrências poderão vir à tona se for necessário ao esclarecimento analítico.

O procedimento metodológico aqui adotado é de manipulações enunciativas controladas, operadas sobre um conjunto restrito de enunciados agenciados na forma acima expressada. Tentamos, por meio da análise, avançar soluções razoáveis que expliquem a (im)possibilidade de enunciados, atentos às diferenças de sentido entre preposições concorrentes (EM, COM, SOB, DE, A), às diferenças entre as construções efetuadas com EM e às construções diretas (sem preposição) e ao comportamento semântico de EM-/EN- prefixo. O objetivo é determinar as singularidades semânticas da relação **X Rprep. Y** construída por enunciados com atribuições modais e formulados com o marcador EM, pondo à prova, dessa maneira e uma vez mais, a pertinência da propriedade ímã como esquema subjacente à variação cotextual do marcador em questão.

Concorrência entre os marcadores EM e COM

(01) O aluno ficou em dúvida.

(01a) O aluno ficou com dúvida.

Com estes enunciados, começamos a analisar a concorrência entre os marcadores EM e COM, tendo sempre em mente o trabalho de Vilela (2016), a qual formula a identidade semântica de COM da seguinte maneira:

Dada uma relação predicativa (X Rprep Y), COM, na condição de elemento co-predicador, é responsável por incorporar propriedades a X por meio da introdução de um elemento externo Y, propriedades estas que se integram a X e reestabelecem o seu modo de apreensão, (re) configurando-o em relação a seu estado inicial. (VILELA, 2016, p. 82)

Na passagem, verifica-se que as principais características da relação **X Rprep. Y** operada pela preposição COM são a alteridade (Y é um elemento externo), acréscimo ou extensão (X incorpora as propriedades do domínio associado a Y) e modificação (as propriedades integradas em X “reestabelecem seu modo de apreensão”). Retornando aos enunciados elencados acima, (01 e 01a) pode-se dizer que ambos têm como efeitos propor um modo de apreensão de X (*aluno*), de tal forma que o termo introduzido pela preposição (*dúvida*), e que corresponde a Y, atribui a X propriedades não definitórias - a de incerteza,

no caso – constituindo um modo de apreensão seu³. Mas as semelhanças entre os dois enunciados ficam por aí. De fato, por meio de manipulações, mostra-se evidente que não se trata da mesma relação de determinação entre X e Y. Num primeiro momento, pode-se em (01a), operar quantitativamente sobre Y (*dúvida*), com marcas numéricas, (*Ficou com duas dúvidas*), mas não em (01) (**Ficou em duas dúvidas*). Essa diferença é importante, pois aponta para a diferença qualitativa entre Y (*dúvida*) nos dois enunciados. Em (01a), com a possibilidade da quantificação numérica, Y se revela como descontínuo, determinado, individualizado (fica-se com esta e aquela dúvida), e em (01), com a impossibilidade dessa quantificação, Y se mostra como contínuo, indeterminado, não individualizado (fica-se numa dúvida constante). Dessa forma, em (01a), a zona modal Y (*com dúvida*), de fato, guarda uma relação de alteridade (da ordem do outro) com Y, e em (01) – *em dúvida* –, uma relação de atributo próprio (da ordem do mesmo). Quer dizer, em (01a), Y *se acresce* a X (*o aluno*) como um elemento externo que modifica seu modo de apreensão pela transmissão, operada com COM, de uma propriedade (*ter dúvida*), e em (01), Y *envolve* X com certa propriedade tal como uma perspectiva que dá a ver seu modo de ser numa nova representação, constituindo-se uma relação de uniformidade e não de incongruência, como é o caso de COM. Pode-se afirmar, portanto, que a relação entre X e Y, em (01), é de identificação, ou seja, *em dúvida* se deixa interpretar como uma zona qualitativa que engloba e torna-se inerente a X, e, em (01a), a relação é de diferenciação, ou seja, *com dúvida* é uma zona qualitativa vizinha de X, com a qual este partilha uma fronteira que o distingue do seu estado anterior.

Outras manipulações apontam para a mesma disparidade ventilada entre as relações predicativas instauradas pelos dois marcadores. É notável que ambos os sintagmas (*em dúvida*, *com dúvida*) se agenciam diferentemente com marcas que remetem ao grau de vinculação entre X e Y. De fato, se por um lado diz-se: *Ficou completamente em dúvida*, por outro **Ficou completamente com dúvida* é mal formado. Confira, ainda nesse sentido, *O filósofo perdeu-se na dúvida* e *O filósofo perdeu-se com a dúvida*, em que o primeiro enunciado Y (*em dúvida*) abrange X (*filósofo*), já que *dúvida* é o *domínio da desorientação* do sujeito; no segundo enunciado, Y (*com dúvida*) compele X (*filósofo*), já que *dúvida* é o *elemento que desorienta* o sujeito. Poder-se-ia pensar, considerando os exemplos acima, que *em dúvida* instaura um domínio qualitativo para a qual X, graças ao marcador EM, é atraído de forma irresistível e nela se localiza totalmente; X é, assim, representado inteiramente outro, agora revestido pela propriedade de incerteza atualizada no domínio Y, com a qual guarda uma relação de homogeneidade. Por seu turno, o domínio qualitativo de *com dúvida* mantém sua heterogeneidade (ainda que fraca) relativamente a X, já que a relação predicativa não funciona por atração e envolvimento, mas sim por confinamento (no sentido de fazer fronteira com) e alteração; o modo de apreensão de X é, assim, modificado contingentemente – e não representado necessariamente – pelas propriedades que Y lhe empresta.

(02) O homem ficou em graça

(02a) O homem ficou com graça

A diferença das relações entre X (termo determinado) e Y (termo determinante) construídas com EM e COM no par de enunciados acima se estabelece por meio do tipo de vínculo específico criado por um e outro relator. No primeiro (02) aponta-se para um vínculo de identificação (X é atraído e revestido pelas propriedades do domínio associado a Y, as quais se tornam inerentes a X) e a segunda (02a) para um vínculo de diferenciação

³ Seguimos aqui as considerações de Franckel e Paillard sobre as preposições denominadas de discernimento. EM, enquanto preposição de discernimento, equivaleria à preposição francesa EN.

(as propriedades do domínio Y são transmitidas a X, as quais se tornam aderentes a X). Com efeito, em (02), X (*homem*) é passivo, o que faz com o domínio associado a Y (*graça*) invista-o de um estado de ânimo involuntário, absorvente, pois o homem é tomado pela graça, ou seja, pela bênção de Deus. Em (02a), X é ativo, o que implica que tenha ascendência sobre a propriedade atualizada em Y (*graça*), a qual é um estado de ânimo voluntário, instrumentalizado, já que o homem, nessa atualização particular, tornou-se engraçado, divertido. Uma vez mais, apreende-se aqui que EM reveste X (*homem*) de propriedades (X é tomado pela graça) que reconfiguram integralmente seu modo de ser numa nova representação. No caso de COM, vê-se que este marcador, por sua vez, transmite a X (*homem*) a propriedade *ser engraçado* (associada ao domínio Y), de tal forma que aquele (homem) se deixa apreender modificado pelo seu tornar-se divertido.

Por fim, considerando-se ainda a comparação entre EM e COM, as características de atração, revestimento, representação e identificação, ligadas ao primeiro marcador, e as características de transmissão, partilha, modificação e diferenciação, ligados ao segundo, ficam evidentes, mais uma vez, se comparados os enunciados *A mãe vive em nós* e *A mãe vive conosco*, em que, no primeiro caso, remete-se à permanência da memória, na medida em que a vida da mãe muda de natureza, deixando de ser real para ser conservada na lembrança, e, no segundo, remete-se à eventualidade da subsistência, já que a vida da mãe muda de aspecto, deixando, por exemplo, de ser autônoma para continuar em forma de dependência.

Concorrência entre os marcadores EM e SOB

(03) A casa ficou toda a noite em silêncio.

(03a) A casa ficou toda a noite sob silêncio.

Para a comparação entre os marcadores EM e SOB, tivemos em mente a formulação da identidade semântica da preposição SOUS (correspondente da preposição portuguesa SOB), na medida em que tal formulação é útil para a análise de SOB, assim formulada por Franckel e Paillard (2007, p. 121):

- X é localizado por Y
- Y é associado um domínio onde se distingue duas zonas: I zona de referência, E zona em relação de alteridade com I.
- X é vinculado à zona E sobre o domínio associado a Y
- A relação de X com a zona E é fundada sobre o vínculo de alteridade de X com um termo X' que é em relação com a zona I.

Nessa definição, destacam-se os valores de alteridade e de determinação negativa, na medida em que a relação de X com a zona E, constitutiva de Y, leva a representar o termo correspondente a X como privado de autonomia, ou seja, a qualificar X como inteiramente definido por seu estatuto de elemento dominado no âmbito de uma relação de poder exercido por Y. Assim sendo, é possível afirmar que, se no enunciado (03a) a relação entre X e Y é de subordinação (de X por Y), relação descritível conforme os termos da forma esquemática de SOUS, por outro lado, em (03), a relação é de absorvência (de X a Y). Veja-se, nesse sentido, que, em (03), Y (*em silêncio*) impregna X (*casa*) de certas propriedades, tal que representamos *casa* completamente mergulhada no sossego, no mistério. A propriedade *estar em silêncio*, nesse sentido, parece pertencer à casa mesma, que não perde sua autonomia, ao contrário, já que, dir-se-ia, que são seus

móveis, portas e janelas que silenciam. Por outro lado, em (03a), o silêncio parece provir de um elemento estranho à casa e que a ela é imposto, fazendo com que, sob esse jugo, esta perda a autonomia. Observe-se, aliás, a possibilidade de um determinativo em (03a) – *A casa ficou sob o silêncio da noite* –, que parece soar mal se agenciado com (03) – *A casa ficou no silêncio da noite*.

Concorrência entre os marcadores EM e DE

(04) Bem-aventurados os pobres em espírito.

(04a) Bem-aventurados os pobres de espírito.

Ambos os enunciados acima concorrem como proposta de tradução de uma famosa passagem do Evangelho, o Sermão da Montanha (Mateus, 5,3). A escolha de uma ou outra solução não é indiferente, já que as duas significam coisas diversas. De fato, a preposição DE parece estabelecer uma linha fronteira entre X (*aqueles que são pobres*) e o domínio associado a Y (*espírito*), de tal forma que X partilha as propriedades desse domínio. É o que se pode ver no enunciado: *Meu tio vive do crime*, no qual *de crime* qualifica a *vida do tio* por confinamento de domínio, nela apensando uma propriedade que se revela como um meio, entre outros, de garantia do sustento. Se agora olharmos para: *Meu tio vive no crime*, o termo *no crime* qualifica a *vida do tio* por atração, revestindo-a de propriedades que a encerram num meio exclusivo onde se a vida se realiza de forma ilícita. No primeiro caso, *crime* é um instrumento, no segundo um ambiente. Opõem-se aqui as ideias de partilha de certas propriedades (DE) e envolvimento por certas propriedades (EM). *Pobre em espírito* e *pobre de espírito* podem ser analisados da mesma forma. Com efeito, se considerarmos *espírito* como o princípio das disposições morais, *pobre em espírito* significa aquele que se guia humildemente por esse princípio, renunciando, voluntariamente, ao excesso, à soberba. Lembre-se, nesse sentido, que o voto de pobreza é uma obrigação a assumir determinada conduta, cujo fim é a elevação espiritual. Portanto, ser *pobre em espírito* é ser puxado pelo domínio moral e revestido pelas propriedades virtuosas concernidas nesse domínio, tornando-se, dessa forma, digno dos Reino dos Céus. Agora, ser *pobre de espírito* é ocupar apenas parte – e, portanto, de maneira insuficiente – do domínio dos princípios morais, mostrando-se, portanto, uma pessoa fraca, indigna da Salvação. Enquanto posse parcial e insatisfatória das virtudes, a relação que se estabelece com o marcador DE é de confinamento entre o domínio associado a X (*aqueles que são pobres, desprovidos*) e o domínio associado a Y (*de espírito*). Veja-se, aliás, que se diz *vazio de ideia*, bem diferente de *vazio na ideia*. Se nossas considerações estiverem corretas, *pobre em espírito* seria a tradução mais adequada, como é o caso, inclusive, da tradução da CNBB que propõe *Felizes os pobres no espírito*.

Concorrência entre os marcadores EM e A

(05) O namorado ficou na vontade.

(05a) O namorado ficou à vontade.

A comparação entre os dois enunciados acima é ilustrativa das propriedades particulares da relação predicativa construída com EM, que aponta para a ideia de encerramento de X no domínio associado à Y, através da operação de revestimento. De

fato, o exemplo (05) pode ser interpretado como a irrealização de um desejo, de tal modo que o sujeito não pôde passar do potencial almejado à realização do ato, já que o namorado, supondo que sua pretensão fosse ganhar o beijo de seu par, viu-se decepcionado irremediavelmente. Assim, não se vislumbra no enunciado a possibilidade de transição entre o domínio da virtual aspiração e o domínio do atual da satisfação: X (*namorado*) está absorvido e como que encerrado no anelo interdito (Y). Ocorre algo muito diferente em (05a), pois, neste caso, o campo da realização do desejo está inteiramente aberto, querendo-se dizer que X (*namorado*) encontra-se numa situação tal que fazer o que queira depende somente de seu arbítrio. A função de encerramento em certo domínio qualitativo, desempenhada por EM – oposta à função de abertura, desempenhada por A – evoca as particularidades do primeiro marcador – atração, revestimento, representação – acima descritas, já que, relativamente ao seu estado anterior – estar esperançoso – X (*namorado*), em (05), agora se retrata com a imagem do desengano. As mesmas considerações acima podem ser aplicadas às sequências *na mão* (*Depois de esperar pelo pai, o rapaz ficou na mão*) e *à mão* (*Havia somente uma caneta à mão*), em que, na primeira, X (no exemplo dado *rapaz*) está preso numa situação de amparo negado (Y, *na mão*) e, na segunda, X (no exemplo dado *caneta*) está disponível para sua utilização possível (Y, *à mão*).

Concorrência entre o marcador EM e as construções diretas

(06) O santo ficou em êxtase.

(06a) O santo ficou extasiado.

Em (06), instaura-se um domínio que remete à ideia de intensão, interpretando-se como uma absorção de X (*santo*) por um estado de ânimo (*êxtase*), que o toma, ao passo que (06a) remete à ideia de extensão, se se compreende que *extasiado* se acresce a X (*santo*) como um estado de ânimo que se experimenta. Lembre-se, nesse sentido, que *em êxtase* pode ser qualificado com um estado de ânimo incondicional, que independe do sujeito concernido ou de qualquer outra causa, o que explica que certas representações do enlevo religioso se intitulam, justamente, *São Francisco em êxtase*, e não *São Francisco extasiado*. *Extasiado*, por seu turno, parece sempre requerer certas condições ou causas (a beleza de uma mulher, por exemplo), para se atualizar como estado de ânimo experienciado. Indica-se, pois, em (06) uma atração irreprimível e um recobrimento completo de X (*santo*) pelas propriedades associadas a Y (*êxtase*), quer dizer, X é usurpado por Y, que o transporta, através do marcador EM, para fora dele mesmo e o localiza, absorvido, no domínio do estado de ânimo *êxtase*, de tal maneira que Y aliena a consciência de X, transformando sua natureza comum. Em outras palavras, *em êxtase* (Y), enquanto intensivo, implica o termo X (*santo*) o qual traz inteiramente para si. Diferentemente, em (06a), *extasiado*, enquanto extensivo, se aplica ao termo sobre o qual incide, como um estado de ânimo, entre outros, do campo da experiência.

Relações construídas exclusivamente com o marcador EM

Encontram-se diversas determinações modais que se realizam exclusivamente com o marcador EM, das quais destacamos *em obras*, *em construção*, *em compras*, *em fuga*, *em gestação*, *em curso*, *em (des)uso*, *em trabalho de parto*, *em operação* etc. A peculiaridade dessas construções é a de que todas se operam seja com uma determinação

qualitativa, já que investem o elemento determinado de propriedades inerentes que o reconfiguram em outra representação, seja com uma determinação quantitativa uma vez que localizam o elemento determinado no domínio temporal da duração, o que talvez explica a exclusividade do uso do marcador EM. Senão vejamos.

(07) O caso está em aberto.

A determinação de X (*caso*) por Y (*em aberto*) é, também, de natureza ao mesmo tempo qualitativa e quantitativa, pois o enunciado quer dizer que X é inconcluso e, além disso, localizado na duração do processo investigativo. Dessa forma, à propriedade intrínseca de X, qual seja, a de não estar concluído, se funde uma propriedade de caráter temporal, a qual remete ao curso das diligências necessárias à resolução do caso. A preposição EM é a única possível, neste caso, em virtude da natureza temporal do marcador EM que o torna apto a operar determinações que localizam um termo em um intervalo de tempo. Veja-se, nesse sentido, que é impossível dizer **O caso está em fechado*, justamente pelo fato de *fechado* suprimir o circuito temporal, o que não se combina com o caráter durativo do EM.

Construções efetuadas com prefixo EM-/EN-

(08) A panela ficou enferrujada.

O marcador EM, em sua forma prefixal, parece ser próprio para efetuar qualificações processuais de caráter detrimental, ou seja, que indicam a passagem de um estado específico para o estado oposto. É o que se verifica no enunciado (08), em que o domínio associado a Y (*enferrujado*) remete à transição, ocorrida com X (*panela*), entre dois domínios contrários, *novo* e *velho*, *uso* e *desuso*. O detrimento é um processo que requer ao menos um estado intermediário entre os estados extremos. No caso dos objetos em metal, este estado é o de oxidação, o qual tem natureza passageira, indicando-se que esse tipo de material perde gradualmente a utilização e *enferrujado* representa, exatamente, a ocorrência dessa perda gradual. Nesse sentido, EM opera um entre-dois cujo movimento é de repulsão do domínio inicial (*novo*) e atração para o domínio final (*velho*), no caso de *enferrujado*.

(09) O homem ficou enciumado.

Nesse enunciado tem-se a representação de um homem (X) que foi tomado pelo ciúme (Y). É possível inserir um intensificador *O homem estava completamente enciumado* o que reforça a representação de alguém que já não é totalmente senhor de si já que o ciúme dele se apodera. O *homem* é então visto, nesse enunciado, sob a ótica do *ciúmes*. Poder-se-ia parafrasear (38) por *O homem estava com ciúmes*. Uma distinção possível entre dois é que este, diferentemente de (38) não suporta o acréscimo do intensificador **O homem estava completamente com ciúmes*. A má formação se dá em função da junção dos marcadores *completamente* e *com*. O primeiro termo, *completamente*, nesse enunciado, marca a operação que remete a passividade do termo X em função de algo, que deveria apossar-se dele. Porém o marcador COM não é o marcador de uma operação de revestimento, como é o caso do prefixo EM como em (38).

Considerações finais

As análises efetuadas acima tiveram por objetivo descrever as particularidades da relação **X R(prep.) Y** construída pelo marcador EM no domínio modal, considerando-se, principalmente – mas sem excluir outras ocorrências, quando conveniente – a sequência FICAR EM como resposta à pergunta *Como?*. Nessa família restrita de enunciados, levou-se a efeito a comparação desse marcador com os marcadores COM, SOB, A, DE e as construções não preposicionadas, além de se proceder à análise de enunciados formados exclusivamente com esse marcador, bem como à descrição do comportamento da forma prefixal EM-/EN-, sem deixar de atentar, rapidamente, para outros tipos de construções. Dessas análises, algumas características semânticas do EM vieram à tona e que descrevem o tipo de relação predicativa realizada com esse marcador. Nós enumeramo-las a seguir, com alguns comentários que visam esclarecer a natureza delas.

Atração: O domínio associado a Y (termo determinante) puxa X (termo determinado) para si de maneira irresistível (*O aluno ficou em dúvida*). Além disso, percebe-se o movimento complexo de repulsão e atração entre dois estados opostos e extremos, inicial e final, que remete a um processo de caráter detrimental. É o que mostram os casos de *enferrujado*, em que X (por exemplo, *panela*, em *A panela ficou enferrujada*) repele o estado inicial (*novo, pronto para o uso*) e é atraído para o estado final (*velho, imprestável*), e de *emperrado*, cujo movimento remete a um processo inverso (mas de mesma natureza) ao de *enferrujado*, já que, aqui, X (por exemplo, *porta* em *A porta ficou emperrada*) repulsa o estado final (*aberto*) e é atraído para o estado inicial (*fechado*). A atração para outro domínio, operada com EM, se diferencia da operação de confinamento com outro domínio que se verifica, por exemplo, no uso do marcador COM (*O aluno ficou com dúvida*), na medida em que, no caso de EM, a atração é irresistível e incide de forma absoluta sobre o termo atraído, e, no caso de COM, o confinamento abre espaço para a resistência e incide sobre o termo determinado de forma parcial.

Revestimento: Atraído para o domínio associado a Y, X é revestido integralmente pelas propriedades atualizadas nesse domínio. O revestimento operado por EM, diferencia-se da transmissão de propriedades, operada, entres outros, por COM, na medida em que o primeiro é abrangente (*A loja está em promoção*) e a segunda restrigente (*A loja está com promoção*). A relação predicativa **X R(prep.) Y**, realizada por meio do revestimento de X com as propriedades associadas ao domínio Y, aponta para uma saída problemática (*O aluno ficou na dúvida*) ou para uma ausência de escapatória (*O namorado ficou na vontade*), em contraposição à saída possível (*O aluno ficou na dúvida*) ou à saída favorecida (*O aluno ficou à vontade*). Os enunciados construídos com EM apontam ainda para uma relação predicativa descritível pelo conceito de inerência, em que a dissociação entre X e Y só é possível de direito e não de fato (*A casa ficou em silêncio*). Por outro lado, os enunciados construídos, por exemplo, com SOB (*A casa ficou sob silêncio*), remetem, antes, a uma relação predicativa por aderência, em que a propriedade associada ao domínio Y (*sob silêncio*) está estreitamente ligada a X (*a casa*), mas não intrinsecamente incluída nele, como se dá no caso de EM, já que, aqui, o estado *em silêncio* provém da própria casa, e, na ocorrência de SOB, de algo externo a casa, por exemplo, a noite (*A casa ficou sob o silêncio da noite*).

Representação: O resultado da relação **X R(prep.) Y** construída por EM e operada por atração e revestimento é a atualização de X numa nova representação, ao menos no contexto particular do enunciado considerado. A representação, enquanto resultado de relação preposicional efetuada com EM, difere da modificação, resultado da relação construída, por exemplo, com SOB ou com sequências não preposicionadas, já, neste caso, trata-se de uma reconfiguração do modo de apreensão de X, e, no caso de EM,

da transformação do seu modo de ser. Nesse sentido, a relação operada, por exemplo, com as construções diretas (*A mãe ficou chocada*), é de caráter extensivo, já que a propriedade determinante do domínio Y (*chocada*), que modifica X (*a mãe*), como que se acresce ao termo determinado como um estado de ânimo possível. Agora, a relação efetuada com o marcador EM (*A mãe ficou em choque*) é, por sua vez, de caráter intensivo, como se Y (*em choque*) alienasse X (*a mãe*) de seu estado normal e mudasse a natureza de sua consciência numa nova representação.

Identificação: A relação entre X e Y, com o agenciamento de EM, é da ordem do mesmo, uma vez que a determinação de X por Y é qualitativamente completa, encerrando-o num domínio sem saída ou com saída problemática. O domínio associado a Y, portanto, vincula-se a X por identificação. No caso das outras preposições, como A, por exemplo, a relação é da ordem da alteridade, já que, neste caso, o domínio associado a Y é aberto, com saída prevista, o que faz com que Y, por conseguinte, se vincule a X por diferenciação. Nesse sentido, comparem-se *O homem ficou em graça* e *O homem ficou com graça*.

Pode-se, ainda, afirmar que o marcador EM tem uma função **indutora**, como se criasse, pela introdução do domínio associado a Y, um campo magnético que induz um fluxo de propriedades em X, que lhe caem como um revestimento. A função indutora contrasta com a função condutora da preposição COM, por exemplo, a qual se torna um elemento apto a transmitir propriedades que produz uma modificação do termo determinado. Todas essas características da relação predicativa construída com EM remetem à propriedade ímã, intrínseca a este marcador, e que se serve de esquema operatório subjacente a suas variações cotextuais. O esquema operatório da propriedade ímã pode ser assim formulado no domínio modal: Dada uma relação predicativa (X R(prepos.) Y), EM, na condição de item co-predicador, é responsável por atrair X para o domínio Y e revesti-lo com propriedades associadas a esse domínio, por meio da introdução de um elemento intrínseco Y, propriedades estas que inerem a X e transformam seu modo de ser, (re)configurando-o numa nova representação em relação a seu estado inicial.

Com relação ao comportamento de EM-/EN- prefixo no domínio modal, pode-se propor a seguinte formulação do esquema operatório da propriedade ímã: Dada uma relação predicativa (X R(prepos.) Y), EM-/EN-, enquanto item co-predicador, constrói uma relação de movimento entre dois domínios nocionais extremos (interior e exterior), por meio da repulsão do estado inicial e atração para o estado final, ou uma relação inversa do exterior para o interior tem-se assim o movimento do interior para o exterior do domínio.

REFERÊNCIAS

ASHINO, F.; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. Prépositions et rection verbal-Étude des prépositions: avec, contre, en, par, parmi, pour. In: **GRAMM-R Études de linguistique française**. Vol. 39. Bruxelas: Peter Lang, 2017.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation tome 1**. Opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation tome 2**. Formalisation et opérations. Paris: Ophrys, 1999a.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation tome 3.** Domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation:** tours et détours. Limoges : Lambert-Lucas, 2018.

CULIOLI, Antoine ; NORMAND, Claudine. **Onze rencontres sur le langage et les langues.** Paris: Ophrys, 2005.

FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. **Grammaire des prépositions.** Paris: Ophrys, 2007.

LEBRUN, Marc. **Integração das tecnologias da informação e da comunicação nas práticas pedagógicas: a pedagogia em tempos de mudanças.** Tradução de Maria José Azevedo. Porto Alegre: Artmed, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

ROCHA, Elizabeth Gonçalves Lima. **Operações de linguagem e o ensino de línguas:** um estudo do marcador EM. *Tese (Doutorado)*. Guarulhos, SP. Universidade Federal de São Paulo, 2019, 155 p.

ROMERO, Márcia. Gramática operatória e ensino do léxico em língua portuguesa: fundamentos para uma prática reflexiva. In: BROCARD, M. T. & CAETANO, M. C. (Eds.) **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, n. 5, Lisboa: Colibri, 2010.

ROMERO, Márcia. Processos enunciativos e identidade semântica da preposição POR. In: **Cadernos do IL**. Porto Alegre, n. 46, p.149-170, 2013a.

ROMERO, Márcia; VILELA, Thatiana Ribeiro. O uso interproposicional de POR em uma descrição unitária de funcionamento da preposição. In: DIAS, L. F. *et alli* (orgs.) **Enunciação e materialidade linguística**. BH: Ed. UFMG, 2015.

VILELA, Thatiana Ribeiro. **Educação léxico-gramatical: um estudo semântico-enunciativo da preposição COM.** Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo (2016), 190 p.

VILELA, Thatiana Ribeiro; ROCHA, Elizabeth Gonçalves Lima. Um breve panorama: descrição e abordagem metodológica de preposições no português brasileiro. In: **Estudos Linguísticos**, v. 46. n. 1, p. 296-310, São Paulo, 2017.